Imigração italiana no Rio Grande do Sul: colonização, urbanização e historiografia

Núncia Santoro de Constantino
PPGH – PUC-RS

PRETENDE-SE DISCUTIR ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS relacionadas à *Imigração*, considerada como fenômeno amplo e abrangente, envolvendo processos de *Colonização.* Comenta-se brevemente o desenvolvimento de uma historiografia da imigração, destacando-se nomes de pesquisadores que acompanham tendências historiográficas atuais. O texto enfatiza a imigração italiana no sul do Brasil que pode ser urbana ou rural; através do breve comentário de autores, sugere que esse fenômeno pode ocorrer em grandes levas, em pequenos grupos ou até mesmo individual; pode ser decorrência de iniciativas oficiais ou da organização de grupos parentais, com ênfase nas correntes e redes, entre outras categorias.

Em simpósio sobre a imigração portuguesa no Brasil, apresento texto que destaca a imigração italiana, estudo histórico que tem sido minha principal preocupação há algumas décadas. Justifico tal inserção em decorrência da semelhança entre questões teórico-metodológicas. Quando se trata do fenômeno da imigração no meio urbano, são muito grandes as semelhanças do processo relacionado à etnia italiana com aquele que se refere à etnia portuguesa ou a representantes de outras etnias que ingressaram no país e que se fixaram em áreas urbanas.

Assim, partidas, trânsitos, chegadas de imigrantes e processos relacionados à sua inserção social no meio urbano guardam por vezes similitudes. O pensamento de Simmel continua válido, quando assinala o papel dos estrangeiros nas cidades, a ocuparem nichos econômicos que os da terra não sabem, não querem ou não podem ocupar.[1] Esses estrangeiros são os agentes damodernização urbana pela qual passaram as cidades gaúchas na segunda metade do século XIX.

Abordo, portanto, a imigração italiana no Rio Grande do Sul, visto que os estudos recentes sobre a imigração portuguesa no Brasil meridional são muito escassos. Exemplo dessa afirmação é o programa do VII Seminário Internacional sobre a (E)Imigração Portuguesa para o Brasil, realizado na Universidade de São Paulo, entre 7 e 10 de novembro de 2011. Subtraída a minha comunicação, que privilegiou a imigração italiana, foram 43 outras comunicações e nenhuma referente ao sul do Brasil e

1 SIMMEL, Georg. *Estudios sobre las formas de socialización.* Vol. 2. Madri: Alianza, 1986, p. 716-8.

aos fundamentais papéis desempenhados lá pelos portugueses, seja como os responsáveis pela fixação das atuais fronteiras meridionais brasileiras, seja como responsáveis pelo fundamental impulso dado à urbanização a partir da década de 1870.

Os conhecidos e bonitos versos de Fernando Pessoa também são apropriados à realidade no passado do Rio Grande do Sul:

> "Ó mar salgado, quanto do teu sal
> São lágrimas de Portugal "
> Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
> Quantos filhos em vão rezaram!
> Quantas noivas ficaram por casar
> Para que fosses nosso, ó mar."

O poeta se refere à grande expansão ultramarina portuguesa e ao correlacionado processo de colonização, que também tornou português o Brasil meridional.

A real ocupação portuguesa do território rio-grandense acontece em 1737, quando o Brigadeiro Silva Paes alcançou a barra do Rio Grande, no extremo sul, onde era esperado por Cristóvão Pereira que se deslocara para lá vindo de Laguna, então limite meridional da possessão portuguesa na América. As medidas imediatas foram direcionadas à colonização, para garantir a posse de um território que não lhes pertencera pelo Tratado de Tordesilhas. Foram assentados muitos casais que haviam perdido suas propriedades na Colônia do Sacramento: casais do Reino, alguns poucos açorianos, além de casais do Rio de Janeiro, da Bahia e de Minas Gerais.

Com o tratado de Madri em 1750, que trocou o território das Missões Jesuíticas espanholas pela Colônia do Sacramento, Portugal deu início à introdução sistemática de um grande número de casais dos Açores e da Madeira. Desenvolveram-se os primeiros e mais antigos núcleos urbanos do Rio Grande do Sul, a começar pela vila do Rio Grande, Porto Alegre, Santo Antonio da Patrulha, Rio Pardo, sedes dos primeiros quatro municípios estabelecidos em 1809 por D. João. Outras vilas também pontilhavam o território meridional no século XVIII, como Triunfo, Viamão e Pelotas, povoadas por casais portugueses, sendo que a última alcançando um desenvolvimento extraordinário pela indústria do charque.

Mas não é essa colonização e primitiva urbanização o principal objetivo do presente texto, que dá ênfase à chamada grande imigração, verificada a partir da primeira década republicana, quando foi enorme o ingresso de italianos e de portugueses nas antigas cidades rio-grandenses.

É bem verdade que a presença açoriana foi muito estudada mas, no processo de urbanização, praticamente não é assinalado o papel do imigrante na transformação que se verificou nas cidades gaúchas a partir da metade do século XIX. Continuamos a buscar antigas fontes bibliográficas, como o ensaio de Dante de Laytano publicado em 1958, que registra mais de 6.000 portugueses distribuídos

principalmente nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas onde, entre 1854 e 1859 começam a funcionar as Sociedades de Beneficência Portuguesa.[2]

Na década de 1950 observa-se um aumento expressivo dessa emigração para o Brasil, cujo ritmo é retomado nos anos 70; especialmente depois de 1974 com a queda de Salazar. Então, a escassez de estudos sobre essa imigração significativa no sul não é explicável. Posso lembrar alguns poucos trabalhos de pesquisa recentes e alguns nem mesmo tão recentes, como a dissertação de mestrado de Clecy Favaro sobre os tanoeiros portugueses em Caxias, defendida há mais de vinte e cinco anos no PPGH da PUC-RS, (1984) sob o título *De Bairro Lusitana a "Zona Tronca": Presença dos Portugueses em Caxias do Sul, 1911-1931.*

Arrolo uma segunda dissertação em Antropologia Social, defendida em 1991 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por Estelita de Aguiar Branco, intitulada *A Grande Tarefa: Processos e Estratégias do Imigrante Português, estabelecido em Pelotas – RS, na manutenção de sua identidade.* A autora, interdisciplinando, usa o método antropológico de investigação para reconstruir processos empregados pelos imigrantes postugueses visando inserção social na cidade.

Em 1996 foi defendida e aprovada outra dissertação no PPGH – PUC-RS que orientei e que aborda a imigração portuguesa dentre outras correntes imigratórias: *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotasno último quartel do século XIX*. O autor é Marcos Hallal dos Anjos.

Larissa Patrón Chaves desenvolveu pesquisa que, em 2002, resultou na dissertação *[...] Grandiosos mesmo foram os portugueses [...]. A Sociedade de Beneficência de Bagé (1870 a 2002).* A autora estuda a história da instituição e do prédio que a abriga, uma importante edificação de estilo eclético, construída no final do século XIX. Busca compreender o modo como se deu a instalação, em 1870, de uma Beneficência em Bagé, importante cidade fronteiriça com o Uruguai, estabelecimento que evidencia a presença de uma grande comunidade naquela cidade. Posteriormente, em 2008, amplia seu estudo em tese de doutorado na Unisinos, investigando outras instituições do gênero em cidades gaúchas.

Mais recentemente assinalo um trabalho de conclusão no curso de História- PUCRS que também orientei, de Fabienne Cruz, sobre memórias de mulheres imigrantes portuguesas em Porto Alegre. A autora emprega o método indiciário, partindo de trajetórias individuais de mulheres portuguesas para a reconstrução de uma história dessa imigração no pós-guerra. Para tanto usa a metodologia da História Oral e operacionaliza os conceitos de etnicidade e rede. Analisa a imigração portuguesa em Porto Alegre entre 1945 e 1960 e narra memórias de imigrantes, permitindo conhecer aspectos do seu cotidiano, do trabalho desenvolvido através de redes sociais, e de hábitos da vida urbana que auxiliaram na construção de uma identidade étnica.

Repito: considerando a importância dessa imigração, não é justificável a escassez de trabalhos sobre a mesma. No Programa de Pós-Graduação em História, PUC-RS, único programa de História do

2 LAYTANO, Dante de. "Os portugueses". In: BECKER, Klaus (org.). *Enciclopédia Rio-Grandense*. Vol. 5. Canoas (RS): Ed. regional, 1958.

sul do Brasil classificado pela Capes com seis, tem quatro linhas de pesquisa e uma delas é "Sociedade Urbanização e Imigração". São 538 dissertações e 162 teses defendidas. Na linha de pesquisa mencionada, tendo como tema central a imigração, há um total de 12 dissertações sobre imigração alemã, 22 sobre a italiana, 18 sobre imigração de etnias diversas, como espanhóis, árabes, judeus, russos, ucranianos e poloneses. Oito teses sobre imigração alemã, sete sobre italianos e 4 sobre etnias diversas. Num total de 71 trabalhos defendidos e aprovados, há apenas um único trabalho que aborda a imigração portuguesa, a dissertação já referida sobre tanoeiros portugueses em Caxias do Sul, defendida por Favaro em 1984.

Vê-se que, em números, os trabalhos sobre imigração italiana suplantam aqueles relacionados a processos imigratórios de outras etnias. Mas tal produção não está sendo considerada na historiografia brasileira.

A discussão que se propõe, portanto, é justificada por várias razões. A primeira delas decorre da concepção de História que se impõe em consequência da crise do marxismo ocorrida no final dos anos 60. Rompe-se com a abordagem "macro" e ressurge a ideia de que a História envolve narrativa. Gradativamente impôs-se uma nova história com diversificados temas, como a história vista de baixo, classes operárias, mulheres, minorias étnicas ou raciais, uma História que considera a subjetividade e as representações culturais. Por outro lado, busca-se a legitimação de novas fontes para dar conta das múltiplas possibilidades. A questão aqui é, portanto, dimensionar imigração no contexto historiográfico, tendo como exemplo a imigração italiana no sul do Brasil que tem sido tema muito estudado e pouco considerado na historiografia da imigração brasileira.

Para dar exemplo, a editora Zahar publica em 2001 um pequeno livro como parte da coleção *Descobrindo o Brasil*. Pois *O Brasil dos Imigrantes*- e é esse o título, reserva um capítulo para os portugueses do Rio de Janeiro, outro para italianos de São Paulo e o último para os "galegos" de Salvador. A imigração e a colonização no sul ficaram totalmente de fora.[3]

Na verdade, os estudos de imigração italiana no Brasil privilegiam o caso de São Paulo, com sua maciça imigração mão-de-obra para a lavoura de café e para a indústria. O caso paulista torna-se o estereótipo e a importância da imigração nos estados meridionais é obscurecida. Essa última é um fenômeno distante do operariado ou da lavoura de café; envolve uma colonização rural com pequena propriedade de terra, a partir de enormes contingentes de italianos oriundos predominantemente a Itália setentrional, assim como envolve uma imigração urbana em redes, predominantemente de origem meridional. Lembro que a colonização no Brasil meridional ou no Espírito Santo consiste na maior reforma agrária realizada no país, que transformou a fisionomia política, econômica, social e cultural em várias áreas do país.

Sabe-se que houve fundamentais diferenças nos processos de imigração, fenômeno cuja complexidade é imensa. As diferenças regionais já aparecem na origem, visto que cada província traçava sua política desde 1850. Maria Theresa Petrone, com seus renovadores estudos desde a década de

3 OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

1970, enfatiza que, além das fazendas de café, a província do Espírito Santo e as três províncias meridionais atraíam imigrantes, em áreas desocupadas consideradas próprias ao estabelecimento de um "campesinato" nos moldes europeus, com vistas à formação de uma classe média. Enfatiza que, nas diversas regiões do país, "[...] a experiência do imigrante foi diferente, sucessos e insucessos têm outros fundamentos".[4]

Um segundo exemplo vem de além mar e revela-se ainda mais preocupante por basear-se em fontes bibliográficas que limitam o assunto à região sudeste, como exemplifico nas linhas precedentes. A *Storia dell´emigrazione italiana*, em dois volumes e 847 páginas, publicado em 2002, reserva 23 dessas páginas para o Brasil, o terceiro país a receber o maior número desses imigrantes entre 1890 e 1914. Dessas poucas páginas, apenas 3, ou pouco mais de 10% do conteúdo, tangenciam a colonização agrícola em geral, à medida que resumem considerações sobre leis e política de terras no Estado de São Paulo e no Brasil. Paradoxalmente, o autor afirma, em apenas duas linhas, que "a mais significativa colonização ocorreu no RS, Santa Catarina e Paraná".[5]

Sobre a imigração italiana, é pertinente acentuar que a vasta produção historiográfica do sul, publicada em prestigiadas editoras universitárias e originada nos muitos programas de pós-graduação, continua pouco difundida. Não se justifica o espaço mínimo concedido no plano nacional para a imigração no sul do Brasil, até porque é importante o número de pesquisadores que trabalham com essa temática.

Dos dez primeiros nomes de pesquisadores ativos em História elencados pela Plataforma Lattes CNPq através da temática da imigração italiana, seis estudam imigração no Rio Grande do Sul: Nuncia Santoro de Constantino; Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro; Luiza Horn Iotti; Luís Fernando Beneduzie Loraine Slomp Giron. Somente quatro pertencem a universidades de todo o Brasil: Juiz de Fora, Federal de São Paulo e Estadual do Rio de Janeiro Federal do Pará.

São estudos que inovam a produção historiográfica meridional, acompanhando tendências atuais. Lembra-se que uma nova concepção de História foi definida em consequência da crise do marxismo ocorrida no final dos anos 60. Rompe-se com a abordagem "macro" e ressurge a ênfase na narrativa. Gradativamente impuseram-se diversificados temas e formas de escrever História, como aquela vista de baixo, a História das classes operárias, das mulheres, minorias étnicas ou raciais, enfim uma nova concepção que considera a subjetividade e as representações culturais. Por outro lado, buscou-se a legitimação de novas fontes para dar conta das múltiplas possibilidades.

Resume-se a inserção do tema "imigração italiana" na historiografia do extremo sul do Brasil, inserção que foi tardia, como tardia foi a narrativa do passado rio-grandense. Nossa História, como outras histórias regionais, modelou-se essencialmente em Ranke, inspirada em

4 PETRONE, Maria Thereza Schorer. "O imigrante italiano na fazenda de café em São Paulo". In: DE BONI, Luís A. *A presença italiana no Brasil.* Porto Alegre: EST, 1987, p 102-3.

5 BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. *Storia dell'Emigrazione Italiana – Arrivi.* Roma: Donzelli, 2002.

Comte, cujas ideias fincaram as mais profundas raízes no Rio Grande do Sul, que chegou a ser chamado de Contelândia.[6]

No final do século XIX, aparecem as primeiras publicações, fundamentais para a construção de uma tradição gaúcha. O regionalismo é fabricado, cultivando-se um romantismo fora de tempo. O gaúcho, até então considerado homem rude do campo, indisciplinado e socialmente desqualificado, passava a ser narrado como homem livre, forte e valente, um puro nativo de Rousseau, tipo ideal para representar a população do Rio Grande que, no período, já era diversificada com estrangeiros ou descendentes, afeitos às atividades urbanas ou à agricultura. Parte dessa construção deve-se às apologias feitas aos personagens da Revolução Farroupilha, que passava a ser contada como uma gesta de heróis e não mais como uma guerra separatista.

Na historiografia não sobrava espaço para a imigração. Encharcados pelo pensamento positivista, os historiadores tratavam de valorizar os *vultos heroicos* e, no final do século XIX, o grupo constituído por imigrantes, na maioria italianos, continuava aumentando pelo ingresso de grandes contingentes. Não poderiam ser considerados heróis; inclusive, provocavam conflitos ou tomavam parte neles, como é o caso da Revolução Federalista.

Em 1898 Borges de Medeiros torna-se presidente do Estado que governará por quase 30 anos. Logo deixou claras suas intenções de reativar a imigração italiana, porque já era notável o desenvolvimento da Região Colonial Italiana. O resultado de sua política repercute nas cidades, onde a presença de imigrantes aumenta e se diversifica.

O regionalismo aparece claramente na administração das colônias italianas. Em 1890, a colônia Dona Isabel é emancipada como município de Bento Gonçalves, em homenagem ao principal chefe farroupilha; Conde d'Eu, por sua vez, é emancipada em 1900, como município de Garibaldi.

A Revolução Farroupilha assumia o primeiro plano na narrativa histórica. Na virada para o século XX, os historiadores do Estado estavam fascinados por essa Guerra.[7] Continuam ignorando a presença dos imigrantes, ou melhor, alguém acusa tal presença: trata-se de Alfredo Varella, que aproveita para fazer pesadas críticas à imigração em geral. Escreve em 1897:

> Ao lado da imigração alemã, desenvolveu-se muito, nas últimas décadas, a italiana, hoje a mais numerosa e que começa a despertar um perturbador antagonismo [...] O governo central mostra-se empenhado em avolumar a todo custo a vinda de trabalhadores, mas essa inepta disposição vai dando frutos que estão indicando quanto foi e continua a ser errado o plano concebido.[8]

6 Ver CONSTANTINO, Núncia Santoro de. "A inscrição dos imigrantes italianos na historiografia do Rio Grande do Sul". In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C. (orgs.). *Migrantes ao sul do Brasil*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

7 GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

8 VARELLA, Alfredo. *Rio Grande do Sul descrição phísica, histórica e econômica*, 1897, p. 358.

Em 1920 funda-se o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, cuja atividade amplia notavelmente a produção historiográfica, sempre com o imigrante à margem. A publicação de Revista auxiliou na definição da pretendida identidade, enfatizando a colonização portuguesa, as relações com a região platina, além de destacar, de modo recorrente, a Revolução Farroupilha.

A situação seria alterada no período de ascensão do fascismo na Itália, quando são fortes as lideranças no grupo italiano do Rio Grande do Sul, contaminadas pela ação da diplomacia. Naquele período é fortalecido o mito da *Roma Imperial,* valorizam-se os feitos dos navegadores italianos, glorifica-se a arte, a filosofia e a literatura renascentista. Neste quadro, o imigrante era uma imagem indesejada para um país que se pretendia moderno. A Nova Itália de Mussolini tratou de construir outra representação, vigorosamente divulgada pela ação diplomática: aquela imagem dos operosos cidadãos italianos no exterior, tributários de uma valorosa pátria-mãe.

Como parte dessa política externa bem mais atuante, surge a publicação comemorativa ao cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, financiada pelo governo italiano.[9]

O álbum do *Cinquantenario* foi organizado por Mansueto Bernardi, de quem é o primeiro texto, seguindo apresentações do presidente do Estado do Rio Grande do Sul e do Ministro do Exterior da Itália, Benito Mussolini. O título do texto inicial: *Gli Italiani e la Republica di Piratiny*, demonstra o persistente apelo em torno da Revolução Farroupilha. Mansueto era uma das lideranças do grupo social italiano, intelectual e membro do Partido Republicano Riograndense. Encontrava-se bem à vontade na campanha de valorização do imigrante que se desenvolvia na Itália, assim como na apropriação por Mussolini da figura de Garibaldi, já há algum tempo reverenciada no Rio Grande do Sul.

Assim, o Álbum publicado em 1925 apresenta, por primeira vez, uma narrativa histórica sobre a imigração, centrada nos vultos proeminentes, a começar por Garibaldi. Além de Garibaldi e dos seus companheiros italianos da revolução, as principais lideranças da "colônia" são contempladas com textos sobre suas trajetórias individuais, em estilo épico.

A imagem de Garibaldi impõe-se pouco a pouco como representante da coletividade italiana. Mas os historiadores continuavam empolgados na valorização dos feitos revolucionários que alcançaria o ápice em 1935, com os festejos pelo centenário da Revolução.[10]

Nos anos sucessivos, o tema da imigração italiana receberá alguma atenção, com outras publicações. È o caso daquelas de autores como Roque Callage, Clodomiro Carriconde ou Archymedes Fortini, jornalistas contaminados pelo conceito norte-americano do *melting pot*. Foram sucedidos por outros estudos que fizeram apologia aos imigrantes e aos seus descendentes, apresentando-os de forma homogênea e idealizada, como heróis que venceram sozinhos todas as adversidades graças às qualidades naturais da sua etnia, longe do apoio das autoridades. Assinavam essa historiografia personagens inseridos na sociedade colonial como membros do clero secular e de ordens religiosas,

9 *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*. Porto Alegre: Globo, 1925

10 CONSTANTINO, Núncia Santoro de. "Eroe e Mito: Garibaldi nel sud del Brasile". In: MARTEN, Jan *et al* (orgs.). *Garibaldi e gli ideali democratici internazionali*. Munique: Martin Meidenbauer, 2011, p. 157-164.

viajantes italianos interessados na emigração, *publicistas* vinculados aos partidos da direita italiana, diplomatas, memorialistas, missivistas, cujos escritos foram posteriormente reelaborados e mil vezes divulgados. Assinala Márcio Biavaschi[11] que essas ideias transformaram-se em verdadeiros mitos, como o mito do trabalho, do espírito de solidariedade colonial, da harmonia social e ausência de conflitos, a solidez dos valores familiares etc. Constrói-se então o mito que ajuda a manter a coesão do grupo social, fortalecendo regras de convivência, como afirma Gustavo Valduga.[12] As primeiras narrativas da imigração italiana, portanto, fortalecem a imagem mitológica do imigrante.

Assim, na década de 1970, apresentava-se uma reação à velha historiografia: uma curiosa forma de materialismo histórico. Costumo afirmar que à historiografia *laudatória* sucedeu aquela *miserabilista,* que não eram excludentes, sobretudo porque sempre laudatórias. Então não se louvava mais as lideranças, mas as miseráveis massas sem rosto, pasteurizadas na opressão, impotentes contra os poderosos.

O êxodo forçado, a peregrinação em massa de imigrantes, abandonados pela pátria-madrasta, a terrível travessia oceânica, tudo isso é superado pelo imigrante que é por excelência um forte. Suas experiênciassão descritas como verdadeiras sagas de heroicos colonos, abandonado pelas autoridades brasileiras.

A partir do primeiro centenário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, com a organização naquele ano de um concurso de monografias, a imigração italiana passa a ser também tema muito valorizado em trabalhos acadêmicos. Tal fato coincide com a fundação dos primeiros programas de pós-graduação no Estado. O discurso laudatório em certa medida continuou por muito tempo exercendo influência: Carlos Zagonel, por exemplo, enfatizava o colono abandonado, sozinho e jogado na floresta virgem, corajoso herói superando dificuldades. Reconstruía um mundo idílico que até hoje permeia o imaginário colonial.[13] Rovílio Costa e Irineu Costella, em várias obras, também enfatizaram o heroísmo dos imigrantes, ainda que realizassem um importante trabalho de pesquisa; Olívio Manfroi em tese defendida em Sorbonne e depois publicada no Brasil, mantém acentuada a caracterização do colono heroico, apoiado no Catolicismo e tutelado pelo clero, abandonado pelo Estado.[14]

Thales de Azevedo[15] esclareceu muito sobre o assunto, ao escrever sobre a chegada e a instalação de imigrantes, tornando relativa à questão do abandono. Registra que "as bagagens dos imigrantes eram transportadas gratuitamente até as sedes das comissões ou núcleos. Recebiam agasalho,

11 BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. *Relações de poder coronelistas na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul durante o período borgista (1903-1928).* Tese (doutorado em História) – PUC-RS, Porto Alegre, 2011.

12 VALDUGA, Gustavo. *Paz, Itália, Jesus. Uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do Jornal* Correio Riograndense *(1930-1945).* Dissertação (mestrado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2007.

13 ZAGONEL, Carlos Albino. *A Igreja e a imigração italiana.* Porto Alegre: La Salle, 1975.

14 MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais.* Porto Alegre: EST, 2001.

15 AZEVEDO, Thales. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

hospedagem durante quatro dias, transporte gratuito para os barracões perto dos seus futuros lotes rurais, que escolhiam. Até as primeiras colheitas, os chefes de família e seus filhos maiores eram empregados na construção das estradas, durante quinze dias de cada mês, a fim de obterem recursos para subsistência. Houve enormes investimentos do poder público: criação e manutenção dos núcleos de povoamento, transporte para a produção, financiamento de terras e abertura de estradas.

Com a fundação dos primeiros programas de pós-graduação no Estado, há um contraponto ao discurso laudatório, que finalmente analisa o papel predominante do Estado no projeto de colonização, reconhecendo que aos colonos foram propiciadas, ao longo do tempo, amplas condições para inserção econômica e social, a começar pela terra doada ou financiada a longo prazo por preço acessível, algo que nunca aconteceu com negros, índios ou caboclos. Assim, nos últimos trinta anos, impõe-se uma produção histórica de cunho acadêmico que acompanha novas tendências. Há estudos renovadores desenvolvidos a partir de programas de pós-graduação.

Vania Merlotti Herédia, por exemplo, analisa a formação da força de trabalho decorrente dos processos migratórios na região colonial italiana. Também destaca a relação entre fatores culturais e desenvolvimento econômico, com ênfase no pólo metal-mecânico de Caxias do Sul, numa abordagem típica da história econômica.

Luiza Iotti, faz aprofundada análise textual da palavra de autoridades brasileiras e italianas. A partir dos documentos que produziram, a pesquisadora infere os posicionamentos dos seus respectivos Estados diante da imigração e dos imigrantes. As relações entre esses Estados, por outro lado, refletem claramente as contradições e os antagonismos existentes na sociedade.

Luís Fernando Beneduzi, sob fundamentos da História Cultural, demonstra o imaginário do camponês vêneto e a identidade construída e transportada para o Brasil, onde é reestruturada uma nova imagem do Vêneto, em estética do presente, a partir de fragmentos da memória.

Marta Rosa Borin, tem analisado, no âmbito da História Cultural, diferentes formas de religiosidade popular, abordando tensões e conflitos, interações entre culturas em sociedade plural, como é aquela de áreas de colonização.

Vitor Biasolipesquisa a História da Igreja e as manifestações religiosas como elementos culturais; nesse enfoque analisa a imigração italiana, especialmente na Quarta Colônia Imperial Silveira Martins, concluindo que tais manifestaçõesauxiliaram na construção da identidade dos grupos humanos constituídos por imigrantes.

João Carlos Tedescoconcentra interesses na imigração como *campesinato* e tem analisado a imigração brasileira para a Itália, com destaque aos processos de trabalho dos imigrantes brasileiros naquele país.

Regina Weber, da UFRGS, analisa temáticas relacionadas à construção da identidade étnica por grupos de imigrantes, assim como destaca as identidades locais; ainda que focalize seus estudos em outras etnias, suas abordagens teórico-metodológicas fundamentam alguns trabalhos de doutorandos e mestrandos sobre a imigração italiana.

Maria Catarina Chitolina Zanini, com as ferramentas da Antropologia analisa oprocessos de colonização com destaque à formação de um campesinato e a processos de construção de identidades étnicas.

Ismael Vannini propõe uma análise de crimes sexuais ocorridos entre 1938 e 1958 na Colônia de Guaporé, investigando tema pouco explorado na historiografia da imigração e que fundamenta a desconstrução de um mito.

Márcio Alex Biavaschi descreve as condições de manutenção do poder coronelista em municípios da região colonial italiana e, sobretudo, analisa o modo como os colonos se organizaram e formaram grupos de pressão diante do poder municipal e estadual do Partido Republicano. A tese revela o absurdo de teorizar de modo homogêneo um sistema político como o coronelismo ou um fenômeno como a imigração.

Sandro Rogério dos Santos, analisando sob fundamentos da Economia, reconstrói o movimento que resultou no cooperativismo na Região Colonial, como culminância da cultura da uva e da produção do vinho por imigrantes.

Muitas dissertações de mestrado podem ser destacadas no âmbito da colonização, sempre ampliando o conhecimento histórico sobre uma vasta região do Brasil meridional. São autores a destacar: Daniela Milano, Roberto Fogaça do Nascimento, Remis Schmidt, Ângela Pomatti, Maíra Inês Vandrame, Leonardo Conedera.

Tais estudos, em perspectiva inovadora, tratam sempre da experiência de colonização por italianos. Outra direção, entretanto, vem tomando alguns outros pesquisadores, quando se ocupam da imigração urbana. Tais estudos têm início na minha tese de doutorado, que desvenda a importância da imigração italiana em Porto alegre e na construção de uma identidade étnica. Estudos nessa perspectiva teriam sido ofuscados por aqueles da colonização italiana, fenômeno quantitativamente muito superior. Surgem recentemente as primeiras abordagens que privilegiam imigrantes de diferentes etnias nas zonas urbanas do Rio Grande do Sul. Posso citar alguns trabalhos de pós-graduandos sob minha orientação.

Rosemary Fritsch Brum estuda representações dos imigrantes em Porto Alegre, com ênfase nas sensibilidades, conceito central que permite entender a forma pela qual os indivíduos percebem e traduzem o mundo em representações, processo que envolve sensações, emoções, sentimentos, elaborações racionais.

Ana Maria Sosa González analisa a imigração uruguaia em Porto Alegre, Rio grande, Pelotas, São Paulo e Rio de Janeiro, definindo contextos de emissão e atração, observando formas de identificação na diáspora, assim como estratégias para integração na sociedade brasileira.

Renato Menegotto analisa a obra de considerável número de construtores e arquitetos italianos na cidade de Porto Alegre em acelerado processo de crescimento no início do século XX, demonstrando formas e espaços da arquitetura italiana presentes em edificações residenciais na cidade.

Essa imigração italiana urbana, iniciada na década de 1870 e praticamente encerrada na década de 1950, em consequência da Segunda Guerra, particularmente interessa, por assemelhar-se sobremaneira àquela de portugueses, pouquíssimo investigada, como foi dito.

Em breves palavras, hoje é possível contar uma história dos italianos em núcleos urbanos do RS. Esses imigrantes chegaram nas povoações, vilas e cidades onde tudo estava por fazer. Mesmo antes que houvesse uma Itália, estavam por lá, provenientes da Ligúria e monopolizando a navegação comercial de cabotagem. Havia profissionais liberais ou artistas provenientes dos Estados Pontifícios. Ou jovens republicanos perseguidos no Reino de Nápoles ou no Reino da Sardenha. Instalam-se nos núcleos fronteiriços, estabelecidos com casas de negócio. Exercem ofícios e prestam serviços nas comunidades que prosperam. São comerciantes, profissionais liberais, artistas.

Tantos italianos, provenientes de todas as regiões, formam grupo étnico em meados do século XIX, pois se identificam e são identificados como tal. Já na década de 1870 fundam as primeiras sociedades para socorro mútuo, que são muitas a partir de 1871.

Nessa toada, a partir de 1875, e especialmente na primeira década republicana, aportam maiores contingentes, porque os governos estimularam a vinda de italianos, em maioria proveniente de províncias setentrionais, atraídos pela possibilidade de acesso à propriedade da terra. Muitos acabaram permanecendo nas cidades, onde encontram trabalho com facilidade. Outros tantos italianos meridionais, re-emigram dos países platinos, escapando de aguda crise econômica. Afeitos às atividades urbanas, optaram por ficar nas cidades do sul. Esses napolitanos, sicilianos ou calabreses, foram os primeiros elos de uma corrente que permanece por muitas décadas.

No contexto de modernização urbana, o imigrante é personagem imprescindível como agente de mudanças, preenchendo os espaços econômicos vazios, na cidade que deseja ser *moderna*. No final do século XIX, hábitos sociais estavam sendo transplantados para áreas urbanas que cresciam em ritmo acelerado, em decorrência da industrialização. As cidades gaúchas precisavam de serviços.

Naquele final de século, autoridades consulares italianas registravam que, no Rio Grande do Sul, todas as profissões estavam representadas entre os *súditos*. E o grupo italiano não parou de crescer. No período imediato ao final da segunda guerra, novos fluxos imigratórios alcançam as cidades gaúchas, constituindo preferencialmente uma imigração familiar e com qualificação profissional.

Hoje coordeno um projeto, produzindo depoimentos com mulheres imigrantes que vieram no pós-guerra. É a vez delas, que nos fornecem uma narrativa sobre a experiência da imigração. E as portuguesas começam a aparecer com depoimentos riquíssimos, capazes de fornecer uma justa medida do que foi a imigração mais recente da etnia portuguesa no sul do Brasil.

Para finalizar e considerando a centena de trabalhos sobre imigração e colonização italiana, defendidos nas Universidades do Sul, conclui-se que a renovação da temática é uma realidade. Enfim e acima de tudo, produz-se hoje uma História da Imigração que não é História Regional, porque dá conta de amplo e diferenciado processo ocorrido no passado brasileiro, a exemplo de processos que se desenvolveram em estados do sudeste ou do nordeste.

É a hora de olhar com os olhos do presente a imigração dos portugueses no sul, buscando novas fontes e interpretando com as ferramentas teóricas de que hoje dispomos. Estaremos ampliando o conhecimento histórico do Brasil e reconstruindo um processo que se encontra inconcluso e imperfeito.

Lembrando mais uma vez Fernando Pessoa, acredita-se que o sul do Brasil foi receptivo e hospitaleiro a tantos imigrantes:

“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena”.